

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

de Estudos e de Instrução

PARTHENON LITTERARIO

2ª SÉRIE

2º ANNO — JANEIRO DE 1873 — N.º 1

PORTO ALEGRE

TYPOGRAPHIA DO — CONSTITUCIONAL —

1 8 7 3

Commissão de redacção

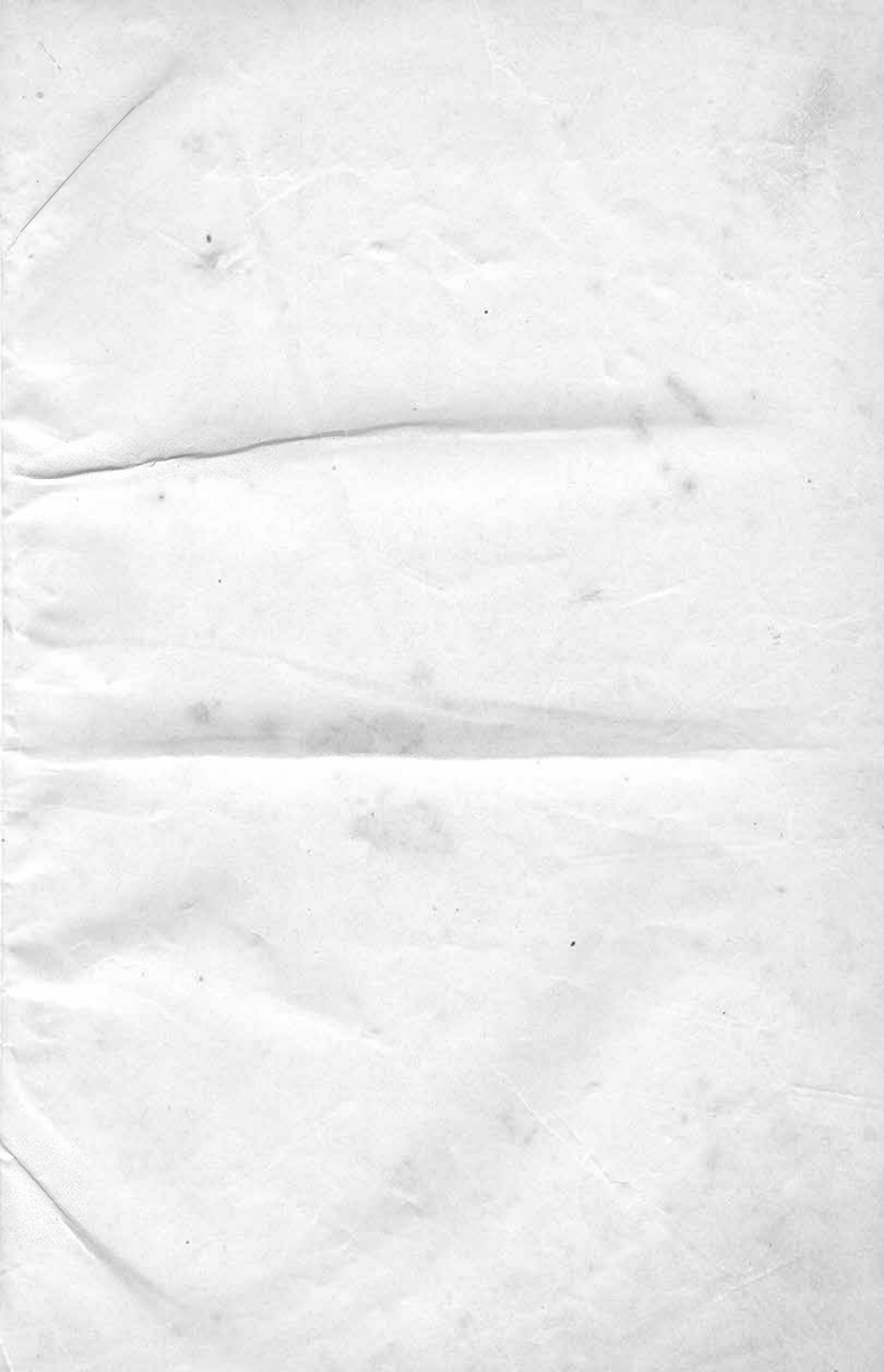
Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Alexandre B. de Moura.
Francisco J. de Sá Brito.
Joaquim Antonio Vasques.

Redactor de mez

Vasco de Araujo e Silva.

Directores

Achylles Porto Alegre.
Hilario Ribeiro.





P. B.

Litho. Jany' E. Widenmann

Luz. M. Leite D. Alvar. B. B.

INTRODUÇÃO

Encetamos hoje o segundo anno da 2ª série da *Revista*.

Duas palavras.

Não mudamos de bandeira; a nossa primitiva divisa conservamol-a intacta, como uma reliquia santa.

Abraçados a ella, atiramos-nos desprotegidos, mas cheios de fé nesse caminho escabroso, como os missionarios que vinhão animados, talvez por uma inspiração divina aos sertões virgens do Novo Mundo.

Em face da natureza selvagem d'America, rodeados de mil perigos, sós, testemunhas das mais negras scenas de atrocidade, os missionarios jámais retrocederão em sua peregrinação.

Tinhão uma missão á cumprir, e por isso elles não medião os perigos a vencer nessas solidões immensas, onde nunca penetrará o mais pallido clarão civilizador.

Quantos não penderão a frente macilenta, ainda não tostada pelo sol das Americas, sobre as bordas do sepulchro sem terem ao menos um só momento, calmos e com a alma tranquilla, podido contemplar n'um sublime arroubo a immensidade magestosa do novo continente?! . . .

A flecha envenenada e certa da indio quantas vezes não derribou esses entes privilegiados, que morrião beijando o sagrado crucifixo com um sorriso de resignação divina á banhar-lhe os labios?!

E' que cumprião uma missão sagrada.

E como elles somos nós tambem.

Fracos, é certo, mas sinceros á causa santa que temos abraçado, vamos animosos, com os olhos fitos nos céos em demanda da terra promettida.

Se não pudermos lá chegar, se em meio da romagem sentirmos a fronte annuviada descalhir ao gélido sopro da morte, permitti oh ! Deus de bondade, que ao menos, como o sabio hebreu, possamos contemplar, inda que de longe o limpido e brilhante horisonte da terra da promissão.

Timidos e sem pretenções tomamos um modesto lugar no esplendido banquete da imprensa.

O que promettemos, temos cumprido religiosamente, e procuraremos guardar sempre a mais severa fidelidade á primitiva divisa de nossa bandeira.

Mas se algum dia desalentados, cahirmos exhaustos na arena das lutas, com o coração atribulado de desgostos, com a alma saturada do fel da descrença e sem o mais tibio lampejo de suave esperança, cubra-nos ella, como uma mortalha, e a sua divisa nos sirva de glorioso epitaphio.

E vós creaturas divinas, que nos estendestes a mão benevolente nos primeiros passos, protegei-nos.

Se uma só palavra de animação partir de vossos labios, a nossa *Revista* não morrerá ; dizem que Deus falla pelos labios dos Anjos.

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

Porto Alegre, 15 de Janeiro de 1873.

ESBOÇO BIOGRAPHICO

DESEMBARGADOR LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO

I

Vamos hoje stereotypar um dos caracteres illustres da galleria rio-grandense — o desembargador Luiz Alves Leite de Oliveira Bello.

Sua vida publica tem duas faces bem distinctas, — a magistratura e a politica.

Foi nestas duas carreiras onde sempre se destacou, circumdado de respeito e veneração, o vulto saudoso do finado Dr. Bello.

Magistrado imparcial e de nobreza de caracter inflexivel, já-mais sobre a sua toga se descobriu a mais leve nodoa.

A magistratura para elle tornou-se uma crença, um templo, onde a imagem da justiça enthronisada sobre a égide da lei, sempre teve altares e férvidas adorações.

Caracter rijo, altivo e independente, alma rica de nobres sentimentos nunca soffreu a voz de sua consciencia, ante as exigencias d'aquelles que o rodeavão, nem fez a concha da balança da justiça pender sob a influencia magnetica do dinheiro.

Hoje que vemos descarrilhada a magistratura, a lei calcada

aos pés da ignorancia e da leviandade, a justiça distribuida ao influxo das imposições de influencias poderosas dos partidos militantes do paiz e muitas vezes vencida á peso de ouro, é justo, que a mocidade que ainda não apodreceu no meio dos vai-vens sociaes, vá contristada chorar e prestar uma homenagem de amor e veneração, debruçada sobre o tumulto dos grandes homens que ennobrecerão pelas suas virtudes a terra que os vio nascer.

Exhumando o cadaver do chorado Dr. Bello temos dois fins : -- prestar um testemunho de respeito á virtude e ao talento em si personificados e legarmos ás gerações porvindas um modelo vivo de concentração ao trabalho, de independencia de character e de acrysolado patriotismo.

Como politico symbolisava a lealdade, as convicções puras e a dedicação ; alegre nos dias de victoria, vimol-o firme e resignado tambem nos momentos de revezes, nos dias de ostracismo.

Athleta denodado do partido conservador, desde que encetára a sua carreira publica, ali o vimos expirar, abraçado ao hastil da bandeira que sempre defendera com nobre pujança.

Noticiando a sua morte inesperada disse a *Ordem*, orgão do seu partido : « A bandeira conservadora desapareceu, ella desceu á sepultura envolvendo o corpo do finado Dr. Bello. »

E disse uma verdade.

Com a morte do Dr. Bello os conservadores levantarão as suas tendas de guerra e deixarão a arena livre aos liberaes e progressistas.

O golpe de estado de 16 de Julho, aõs violencias e aõs abusos que se succederão levantarão de novo o partido conservador na provincia. Vimos então n'esta epocha liberaes e progressistas esquecidos do seu passado, de suas gloriosas tradições, agrupados ao de redor do estandarte que havia desaparecido da arena politica com a morte do Dr. Bello, levados muitos pela descrença e desgosto, e maior numero pela volubilidade de character, por promessas menos confessaveis e pelo aceno magnetico d'aquelles que tem comsigo o cofre inextinguivel das graças reaes.

Se a morte o não tivesse tão cedo arrebatado d'entre nós o Dr. Bello estaria hoje occupando um lugar distincto no senado, por seus talentos e virtudes.

II

« ● desembargador Luiz Alves Leite de Oliveira Bello nasceu aos 21 de Abril de 1817 na cidade de Porto Alegre, capital da

provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul. E' filho legitimo dos já fallecidos Marechal de Campo Wenceslão de Oliveira Bello e D. Anna Flora de Oliveira Bello; netto pela parte paterna do Coronel Luiz Alves de Freitas Bello e de D. Anna Quiteria de Oliveira Bello, e pela parte materna, do Sargento-Mór André Alves Pereira Vianna e de D. Florinda Flora de Oliveira Salgado.

Fez os seus primeiros estudos preparatorios na mesma cidade de Porto Alegre, e seguindo em 1836 para a de São Paulo, capital da provincia do mesmo nome, alli concluiu seus estudos, matriculou-se na faculdade de direito, e á 8 de Novembro de 1841 recebeu o gráo. Passou sempre por estudante de talento e de notavel applicação. Entre os seus condiscipulos e mestres e entre todas as pessoas, que ali o conhecerão, e com quem entreteve relações, gozou sempre de muita estima, e dos creditos de moço grave e de muito boa educação.

Não se destinava á carreira da vida publica, mas, tendo a sua familia perdido a modesta fortuna que possuia, em consequencia da guerra civil, que rebentou em sua provincia no anno de 1835, e que só acabou em 1844, foi obrigado a adoptar essa carreira, e encetou a magistratura no emprego de promotor publico da comarca de Itaborahy na provincia do Rio de Janeiro, para o qual foi nomeado por portaria de 5 de Março de 1842. No fim desse mesmo anno retirou-se para a provincia de seu nascimento, e ali exerceu com geral applauso por 4 annos o mesmo emprego de promotor publico da comarca da capital.

Em 1844 foi designado pelo presidente da provincia para a honrosa commissão, que dignamente desempenhou, de ir á côrte felicitar, por parte da população civil de sua provincia, o imperador, o senhor D. Pedro II, por motivo de seu casamento com a princeza, irmã do rei de Napoles, D. Thereza Christina.

Em 1845 foi, quasi ao mesmo tempo, eleito eleitor da parochia de sua residencia na cidade de Porto Alegre, membro da assembléa legislativa da sua provincia, e deputado á assembléa geral legislativa do imperio.

Por decreto imperial de 2 de Dezembro do mesmo anno de 45 foi nomeado cavalleiro da ordem de Christo; e no anno seguinte juiz de direito da 1ª vara criminal da comarca de Porto Alegre, por decreto de 29 de Agosto. Servio este cargo, como magistrado illustre e de severa probidade até o anno de 1858, em que á seu pedido foi aposentado por decreto de 21 de Agosto com honras de desembargador, e ordenado correspondente ao tempo, que tinha de serviço na magistratura.

Casou na cidade de Nictheroy, capital da provincia do Rio de Janeiro, a 24 de Julho de 1846 com a Sra. D. Eulalia Pulqueria

de Oliveira Bullhões, pertencendo á uma familia distincta por sua fortuna, honradez e nascimento, e deste consorcio teve 9 filhos, dos quaes 4 morrerão.

Em 1850 foi agraciado com o foro de fidalgo cavalleiro da casa imperial, por decreto de 31 de Maio, e por carta imperial de 11 de Setembro de 1851 foi nomeado 1º vice-presidente de sua provincia.

No mez seguinte tomou posse da administração d'ella, na ausencia do respectivo presidente, o Marquez de Caxias, e a exerceu até Dezembro de 1852 com superior discernimento e com muita rectidão, grandes vantagens para os seus subordinados, não obstante ser esse o seu tirocinio administrativo.

Por decreto de 2 de Agosto d'esse anno foi nomeado official da ordem da Rosa, em remuneração dos bons serviços por elle prestados n'essa administração.

Foi promovido ao grão de Commendador d'essa mesma ordem por decreto de 14 de Março de 1855, e tendo prestado relevantes serviços no fim d'esse anno, e no principio de 1856, por occasião da epidemia do cholera-morbus, já como simples particular, já como chefe de policia interino e vice-presidente da provincia pela segunda vez em exercicio, foi por isso agraciado com a commenda da ordem de Christo por decreto de 2 de Dezembro de 1858.

Foi nomeado presidente da provincia do Rio de Janeiro por carta imperial de 14 de Setembro de 1861; e servio por anno e meio na mais importante provincia do imperio esse elevado encargo, tanto mais difficil, quanto já então começavam a desenvolver-se os elementos da crise politica, que terminou com a dissolução da camara dos deputados á 12 de Maio de 1863, e com a retirada do poder do partido conservador.

Demittido por isso á 9 de Fevereiro d'esse anno, deixou a espinhosa commissão de presidente da provincia do Rio de Janeiro; e excluido da camara dos deputados, como todos os seus correligionarios politicos, recolheu-se á vida privada, residindo em uma fazenda que possuia na sua provincia.

Seis vezes consecutivamente a sua provincia o elegeu deputado á assembléa geral legislativa, e membro da assembléa provincial desde 1845 até 1863, e só deixou de ser reeleito quando as urnas forão trancadas em todo o imperio ao seu partido. »

E'-nos grato dar essas notas tanto mais quanto é sabido que nós não partilhamos as idéas que elle teve na administração e sustentou no parlamento. O nosso preito é pois uma homenagem quasi santa prestada á verdade.

MONOGRAPHIA

II

A CASCATA DO MACACO BRANCO

« Seria tão vaidoso como inutil empenho intentar a descripção completa de um effeito pictureseo, em que até o mais fino pincel fallaria. »

DR. MACCULLOCK.

A cascata, ou, como mais propriamente diriamos, catadupa do *Macaco Branco*, que de passagem nomeamos em nosso artigo *Gryta das Borboletas*, é formada por um grande salto do mesmo rio Pequiry, e exactamente no lugar em que elle, depois de descrever seus rodeios atravez de risonhas campinas, se lança na serra, em cujas devêzas parte, de distancia em distancia, um riacho que vai engrossar a sua torrente simeosa.

Não é elle um caudaloso rio, pelo contrario, porém suas margens são tão formosas, tão povoadas de amenos bosques e de grupos de pedras de fórmãs tão singulares, e dispostas de modos tão graciosos e grutescos, que absorvem a attenção do homem quando as contempla, e nas tardes do estio nada aqui

póde haver de mais agradável e mais ameno do que um passeio á sombra destas bordas ridentes do arroio.

Sentados sobre os bancos de pedra, que a natureza ali collocou, podemos em descanso admirar a limpha rolar com suave murmurio por seu leito musgoso, e ouvir as dôces melodias do sabiá e o canto de diversos outros passarinhos, que parecem responder á esses reclamos, banhando-se nos remansos, ou trocando suas caricias sobre os avelludados ramos, carregados de pomos das viridentes cerejeiras, que por seu viço e belleza se distinguem entre todos os mais arbustos.

O grande salto formado no leito d'este pequeno rio póde ser observado, ou do seu topo nas estações seccas, ou do alto das duas bordas do abysmo que se abre logo abaixo d'elle, e que, bem que tallhados quasi á pique, são desde baixo até ao alto cobertas de espesso arvoredo e de soberbas arvores, que ahi se sustentão donosas em suas fortes raizes. Nos tempos pluvias despenha-se ali tão avultada massa de aguas que o solo parece estremecer ao redor, e de bem longe se liouve seu ruido, ao passo que se eleva á grande altura o espesso nevoeiro formado pelo impetuoso choque d'agua no immenso caldeirão, aberto por entre rochas no fundo do abysmo.

Tambem se consegue, querendo, descer ali com auxilio dos arbustos e cipós que se enlaçam por entre as arvores, e então, por este modo se póde contemplar em toda sua magestade o espectáculo grandioso que apresenta a cascata despenhando suas aguas á prumo da altura de mais de 80 pés, e ~~essa vista se torna ainda~~ mais surprehendente quando, segundo a posição que occupa o sol no horisonte, se fórmão ali arco-iris aos centos, e seus reflexos cruzão-se ás vezes de tal modo que entibião a vista.

E' o salto formado de viva rocha e igualmente da mesma materia, e bem a prumo e mui liso até o lugar onde começa a vegetação, as barrancas lateraes semelhão duas paredes de dimensões collossaes, de sorte que o espectador ali collocado crê-se de repente no recinto de algum desses templos immensos da antiguidade, cujas ruinas magnificas parecem attestar que elles fórrão desafios que as gerações passadas fizeram ás suas successoras, quanto aos progressos futuros das artes. O que sobretudo contribue para tornar mais completa essa illusão, é a perfeita solidão que ali reina, não se ouvindo, não se vendo o canto ou o vôo, se quer de um unico passarinho, que intimidados, sem duvida, por aquelle estrepitoso ruido, se hão retirado para mais amenos lugares na selva. Porém, esta solidão só existe ali durante as grandes cheias do rio, porque apenas elle vaza suas agnas muda-se inteiramente a scena, e na primavera, e principalmente pelo ostio, retumbão aquellas concavidades com as dô-

ces arias dos sabiás e com os mimosos górgeios de outros muitos passarinhos.

Bem sobre as bordas do precipicio crescem grande numero de graciosas palmeiras, que inclinadas, pendentes sobre elle, parecem espiar os mysterios d'aquellas profundezas. Nas chapadas culminantes destes mesmos barrancos, que são povoados de viçoso campo que se prolonga para o sul, vêem-se espalhados á superficie do sólo centenaes de pedras de todos os tamanhos e fórmas, das quaes sempre as pessoas que vão contemplar de fóra a cascata lanção mão para as fazer rolar e precipitar sobre o barrocal, em cujo fundo produzem um estrondó igual á detonação de uma peça de artilheria.

Macaco Branco é um nome significativo que os serranos dêrão á esta maravilha da natureza, por que, como durante as secas do rio a pequena porção de agua que ali se despenha, sendo quebrada nos mil pequenos degráosinhos da cascata, ramifica-se em centenaes de fórmas diversas, apresenta assim no todo, e sobre um fundo negro a figura grutesca e singular de um macaco gigante que como se pretendesse galgar o salto, se houvesse a elle agarrado com unhas e dentes.

Esta denominação, pois, não é destituida de fundamento, e em grande parte desta provincia é já conhecida com este nome esta admiravel obra da natureza, que com outras muitas que se encontrão por estas paragens, hão de fazer ainda um dia o chamariz de todos os *turistas*; ¹ como já o disse, e a proposito mesmo desta catadupa o Sr. coronel Nery, de saudosa memoria.

FRANCISCO DA N. FRANÇO.

Liú em Missões, Dezembro de 1872.

¹ Do francez «touriste», palavra necessaria e em que o a^utor imprimio muito bem o cunho portuguez.

MULHERES

COMEDIA EM 4 ACTOS

ACTO I

A CASA DA PARTEIRA

Pequena sala mobilhada mediocrementemente. Porta e janella no fundo para a rua. Uma porta á direita para o interior. A' esquerda um quadro de Nossa Senhora dos Afflictos. Sobre uma mesinha uma gaita. Um tatú e um lagarto cheios debaixo d'esta.

PERSONAGENS

PANCRACIA.

PANURGIA.

HENRIQUETA.

LANDULPHO.

LOBEIRA.

UM SOLDADO.

SCENA I

Pancracia só, fechando a porta do fundo

PANG. — Irra! Quarenta e tres annos de trabalho, uma du-
badoura continua, sem resultados! Bem dizia o doutor Sigis-
mundo que tres gerações tinham passado por minhas mãos e que
durante tanto tempo não me fôra possível preparar o mealheiro
para a velhice. O doutor por isso dizia: Pancracia, toma tento,
não fiques como a mandaçaia que não encheu o cortiço de mel
para o inverno. Que querem? Pedra que gyra não cria mus-
go . . . Todos os dias só d'aqui para ali, a tantos que gritão:
Acuda, tia Pancracia! Acuda! E Pancracia é boa, lá vai . . .
u'outros tempos a qualquer hora, mas hoje?!

Desde que o demo debaixo da fôrma do padre Francisco se-
gurou-me nos *peccallos mortaes*, á meia-noite, eu Pancracia de
Azeredo Zamorra, com escuro fôra de casa!? Lérias! Não me
pillão mais . . . Ao lembrar aquella noite ainda sinto uns ba-
ques e arrepios cá por dentro, ainda morro de susto . . . (*Batem
á porta*) Quem servá a taes horas? (*Para fóra*) Quem é?

SCENA II

A mesma e Landulpho fóra

LAND. — Mãi Pancracia, sou eu.

PANC. — Eu? Quem?

LAND. — Ora! Eu. Faz que não me conhece?

PAUC. — Essa é boa! Eu, eu! e julga ter dito tudo!?

LAND. — Eu, Landulpho de Azeredo Zamorra.

PANC. — Hein? Repita, repita . . .

LAND. (*impaciente*) — Landulpho, mãi Paneracia. Que
massada!

PANC. — Não é com essas, senhor ladrão.

LAND. (*o mesmo*) — Abra, por Deus! se não quer que eu
durma ao relento.

PANC. — Se não tem onde dormir, vá ao quartel da policia
ou ao corpo da guarda. Talvez lá lhe possão servir melhor do
que uma pobre velha. (*Batem com mais força*) Não continue
assim, porque acordarei meus filhos. (*A' parte*) E' preciso in-
timidal-o.

LAND. — Ora, que comedia, mãi Pancracia! (*Batem de no-
vo*). Abra, por Deus! Não ha ladrões, sim seu filho Landul-
pho.

PANC. (*fingindo que desperta alguém*) — Adolpho, Miguel, Joaquim, Athanzio, Irineu, de pé, despertem, vocês dormem a somno solto, quando temos hospedes á viva força! (*Fazendo ruido com as cadeiras e outros moveis como para indicar movimento de pessoas que se levantão*).

LAND. (*rindo*) — Ah! Ah! Ah! Mãi Pancracia, a senhora não têm filhos e quer fazer crêr-me o contrario!! Olhe, eu o juro, sou Landulpho.

PANC. (*assustada, á parte*) Elle sabe, o maquetrefe! (*Alto*) Eu já lhe mostro, vagabundo, quilombóla.

LAND. — A senhora é a parteira da freguezia, móra aqui ha vinte e dois annos, solteira . . .

PANC. (*tomando uma cadeira e indo suspendel-a no ferrolho, que descê com o peso*). — Meu Deus! Virgem Santissima! (*Tira a cadeira com presteza e corre de novo o ferrolho. A' parte*). E' preciso fingir que tenho homens em casa. (*Engrossando a voz*) Com todos os diabos! Quem está ali? Dê-me a cotia e as pistólas, minha mãe.

LAND. — Piedade, mãe Pancracia! Não esteja mudando a voz . . . Não se engana a Landulpho. Já estou morto, de aborrecimento e somno.

PANC. (*que tem estado abatida enquanto o ouve, começa a arrumar cadeiras e moveis contra a porta*). — Vá-se embora, homem. Não posso abrir-lhe . . . (*A' parte*) Como está Porto Alegre inçada de alarifes!

LAND. — Pois então arrombô a porta . . .

PANC. (*voltando-se para o quadro*). — Minha Senhora, dá-me coragem! (*Reflecte por momentos*) Eu abro, se responder ás perguntas que vou fazer.

LAND. — Estou prompto a responder e depressa.

PANC. — D'onde vem, Landulpho?

LAND. — D'uma chacara, para onde foi doente ha quinze dias.

PANC. -- Bem doente, não?

LAND. — Uma febre, é certo; mas já se acha restabelecido.

PANC. — Tão depressa!?

LAND. — Os ares do campo . . .

PANC. — Parece incrível!

LAND. — No entanto, é verdade.

PANC. — Qual a razão de sua enfermidade?

LAND. — Amores.

PANC. — Amores, sim. Com quem?

LAND. — Com a linda Henriqueta . . .

PANC. — Filha de . . .

LAND. (*tom de colera*) — Isso não tem lugar! É um mártirio ao relento!

PANC. — Ah! maganão! Conheces o segredo de Landulpho e vens com pés de lã . . . Passe de largo!

LAND. (*o mesmo*) — Não posso mais . . . (*empurra a porta*).

PANC. (*gritando*) — Aqui d'el-rei! Assassinos! Aqui d'el-rei!

LAND. — Mãi Pancracia, veja se quer que eu vá parar na enxovia. Havia de ter sua graça! (*Forçando a porta*).

PANC. (*o mesmo*) — Acudão! Acudão!

SCENA III

Os mesmos e um soldado segurando fôra a Landulpho

SOLD. — Ah! meu freguez, que sem cerimonia em forçar uma porta, perturbando a ordem publica!

LAND. — Eu vinha dormir . . .

SOLD. (*interrompendo-o*) — Sim, vais dormir no xadrez, maroto. Naturalmente foste tu quem roubou ha duas horas naquela venda ali da esquina . . .

LAND. — Eu vinha á casa de minha mãi, a parteira Pancracia. Ella desooneheceu-me e pôz-se a gritar. (*Para o interior*) Agradecido, mãi Pancracia, muito agradecido.

SOLD. — Qual! Historias! Naturalmente foste tu quem hoje deu uma facada no sachristão das Dôres.

PANC. (*que tem ovidotudo presa de espanto e admiração*). — Mas é Landulpho mesmo, meu pobre Landulpho . . . Que fiz eu? (*Tirando as cadeiras e moveis*).

SOLD. — Vamos, vamos ou então a espada sahe a campo.

LAND. (*a Pancracia*) — Eis o que resultou, minha mãi. Eu preso como arrombador de portas, ladrão, sicario, perturbador da ordem! (*Ao soldado*) Espere . . . (*Ouve-se como uma luta entre ambos*).

PANC. (*abrindo a porta, vendo-os*) — É meu filho, meu bom, meu querido Landulpho!

SOLD. — (*deixando Landulpho*) — Teu filho, velha!? Que estás tu ahi dizendo? (*Todos tem entrado em scena*).

PANC. (*abraçando o moço com effusão*). Ah! perdôa-me, ia te perdendo, sem querer . . .

SOLD. (*com impetuosidade tomando-a por um braço*) Explicaste, parteira do inferno, estás doida ou zombas da policia?

PANC. — Um engano! Não julgava . . . Meu filho estava fôra e muito docente . . . e como n'estes tempos ha tantos ma-

quêrefes, tive medo, fiquei sem pinga de sangue; não houve remédio, chamei por soccorro . . .

SOLD. — Um engano!? Não julgavas? E a policia em di-randina! Então és tú a perturbadora da ordem publica, vais acompanhar-me . . . (*Quer levá-la*).

LAND. (*batendo-lhe no hombro amigavelmente*) — Deixa-te de massadas, patricio. Que vale tanto barulho por nada? Toma (*dá-lhe uma moeda*) e vai beber á nosa saúde.

SOLD. (*deixando-os*) — Pois bem, fechem a porta e nada de perturbar a ordem publica. Boas noites (*sahe*).

SCENA IV

Os mesmos menos o soldado

PANC. (*depois de fechar a porta*) — São muito atrevidos os taes policiaes! Eu, Pancracia de Azeredo Zamorra, presa, ar-rastada, maltratada, estendida n'uma tarimba, vilipendiada, mis-turada com a ralé!? Já se vio maior desafôro? (*A Landulpho*) E tu não tinhas um par de mãos para achatar-lhe os narizes? O que não dirião as parteiras Quiteria e Thomazia, quando souberem do passo? Ellas que não me perdoão, que fazem cavalleiros d'um argueiro? Aquellas bisbilhoteiras, linguas de palmo e meio, que alimentão-se de mexericos, que não fallão de Deus, porque o não conhecem, que especulão com as gentes como o mestre barbeiro Joaquim com os queixos? Os bons tempos se fo-rão, não voltão mais . . . Vejão. Que bonito! Eu, perturba-dora da ordem publica, eu que ponho em ordem a humanidade, e já vi com esses olhos, já palpei com essas mãos tres gerações e estou á espera da quarta?! (*Detendo-se cançada*).

LAND. (*que varias vezes tem inutilmente procurado interrom-pel-a*) — Mãe Pancracia não tem razão.

PANC. — Não tenho razão!?

LAND. — Eu que ia sendo filado por não sei quantos crimes que hoje se dêrão, não me queixo, mórmente quando a senhora foi a causa.

PANC. — Está bom, está bom, felizmente não aconteceu-nos coisa de maior. Então recuperaste a saúde? Foi-se a paixão? Está claro, amores de rapazes — trovoadas de calor . . . E eu que os conheço, como as palminhas das mãos!?

LAND. (*com tristeza*) — Engana-se, amo-a mais que nunca. Ah! minha Henriqueta, a felicidade só existe contigo. Eu ma-to-me, se não casar com ella, o juro.

PANC. (*carinhosa*) — Vem cá, não fiques jururú. (*Senta-se*

esfaz Landrilpho sentar-se ao lado d'ella). Tu não és meu filho, mas, acredita-me, tua mãe não te amaria como te amo. É's minha unica affeição no mundo, por isso só desejo tua felicidade e bem estar.

LAND. (*beijando-lhe a mão com ternura*) — Eu sei, mãe. O guachô encontrou em vós o que talvez perdeu por um crime.

PANC. — Ouve meus conselhos. O pai de Henriqueta, aquelle maldito Manoel de Loheira, quando foste pedir-lhe a filha em casamento, mandou os escravos expulsarem-te, como a um cão. Nem teve piedade para com a tua inexperiencia. Achou que um honesto operario era muito insolente para pensar em semelhante coisa. A' vista d'isto queres soffrer nova affronta, filho?

LAND. — O que sei é que a amo com phrenesi, e quanto maior opposição fizerem, tanto mais crescerá o amor que me enche, que nasceu, bem o sei, para dar cabo de mim.

PANC. — Então esqueceste Antonia?

LAND. — Não, amo-a tambem.

PANC. — Como é isto?! Amas todas as mulheres?! Já se viu coisa igual?

LAND. — Não, sómente Henriqueta e Antonia. Diante da primeira sinto o sangue incendiado correr-me pelas veias, ardo, não fico em mim, tenho vontade . . . não sei de quê . . . Diante da segunda, minha linda companheira de infancia, tenho timidez, guardo-lhe todo o respeito e acasamento. Se há affeões da guarda, se ha adorações para elles, é o que sinto para Antonia.

PANC. — Pelo que vejo queres casar com Henriqueta e Antonia?

LAND. — Não sei, não comprehendo meu coração, porém se fosse possivel!?

PANC. (*aterrada*) — Um crime, filho, ante a lei, ante a religião! Abrenuncio!

LAND. — A lei e a religião! Sempre isto! É' com que todos me vêm: Em nome da lei! Em nome da religião! A' força de ouvil-os, acabo por odial-os de morte.

PANC. — É' um engano. Votas a Henriqueta o ardor d'um amante e a Antonia o respeito d'um esposo; mas, quanto á primeira, não podes ser, nem uma, nem outra coisa, principalmente havendo entre ti e ella, como te disse, um mysterio.

LAND. — Que segredo é esse que não pôde contar-me? Sempre é isto. Eu franco com todos e todos a fallarem-me por enganos!

PANC. — Não insistas. Um juramento que fiz sobre o tumulto de minha mãe me prohibe dizer-te uma só palavra.

LAND. — Que importão juramentos que surgem para trazer

mais obstaculos, mais desgostos? O que quero é casar-me com Henriqueta, hei-de casar-me, senão commetto um rapto.

PANC. — Não commetterás tal loucura.

LAND. — Duvida?

PANC. — Meu Deus! quem mandou-me jurar? . . . Senão punha tudo claro como o dia.

LAND. — Mesmo assim.

PANC. — Se soubesses, haviás de respeitá-a como uma mãe, adoral-a como uma irmã.

LAND. — E' possível, mas até lá tenho muito a esperar, por isso tempo bastante para realizar meus projectos.

PANC. — É Antonia?

LAND. (*ironico*) — E' um caso grave na opinião geral, que talvez só o illustrado cabido pudesse decidir . . .

PANC. (*ar severo*) — Não gracejes, louco d'uma figa . . . Como vais prender o coração d'uma innocente mênina para depois abandoná-a? Antonia tem uma só esperança, és tu, Landulpho. Morreria, se soubesse que vais pertencer a outra. Se a não querias, para que a enganaste? O homem que assim procede, mui mal avisado anda e não deve merecer nenhum conceito entre as familias. Além d'isso Antonia serve para tua mulher, pois foi creada no trabalho; e Henriqueta, uma leviana que te seduz, como julgo, por passatempo, e te aconselha toda a sorte de doidices, affeita ao luxo, não sabe, nem póde dar um pesponto, e muito menos cortar uma camisa . . . Diz-me como querias que a filha de Manoel Lobeira trajasse de seda, se mal vives de teu salario? Desejarias viver á custa dos pais? Seria muito pouco louvavel. Toma juizo, rapaz. Não ha amores todo o tempo, como não ha fructas, e quando se quer tomar estado, escolhe-se a noiva em iguaes condições. (*Batem á porta*) Baterão!?

LAND. — E' verdade. (*Batem de novo*).

SCENA V

Os mesmos, Panurgia e Henriqueta

PANC. — A essas horas? Quem será? Não abro, o seguro morreu de velho. Desde a noite dos *Peccados mortaes* . . .

LAN. — Ora, mãe! Que mania! Vou abrir. (*Levanta-se*)

PANC. (*segurando-o*) — Não, deixa perguntar primeiro. (*Voz forte*). Quem está ahí?

PANUR. (*fôra*) — Pancracia, abra, sou eu, Panurgia . . .

PANC. — Não é com essas, senhor ladrão. Panurgia aqui a taes horas é fallacia que brada contra os céos.

LAND. — Meu Deus! E' ella em carne e osso, conheço a voz. Azulo, vou arrinconar-me na cosinha. Não quero encontrar-a . . . (*Sahe*).

PANUR. (*com impaciência*) — Abra, Pancracia, um negocio importante . . .

PANC. (*na porta da direita para o interior*) Landulpho, estou com medo de abrir, os artistas tem umas labias! . . .

LAND. (*chegando á porta, baixinho*) — E' ella em pessoa, abra. Para que ter receios? Não estou eu aqui? (*Retira-se*).

PANC. (*indo abrir a porta*). — Então é a propria Panurgia da Lobeira, mulher de Manoel da Lobeira, ricaço e negociante, mãe de Henriqueta, moradora . . .

PANUR. (*interrompendo-a*) — Sim, sim, ella mesma em corpo e alma. Que impertinencia! (*Pancracia abre a porta*).

PANUR. — Póde-se morrer á sua porta.

HENR. (*levando o lenço á boca para suster o riso*) — Os ladrões!

PANC. (*fechando a porta*). — Ah! minhas senhoras, se soubessem como ha homens que tomão o nome de conhecidos para fazerem mal ao proximo!? (*Pausa*). A que devo, porém, esta visita?

PANUR. — Vem cá, conversemos. E' um novo segredo que venho confiar-te, minha amiga. (*Pancracia e Panurgia formão grupo á esquerda. Henriqueta no fundo á direita, ora a fazer exame nos animaes sob a mesa, ora a tirar sons da gaita*).

PANUR. (*tomando a mão de Pancracia*) — Ha vinte annos, minha amiga, quando meu Manoel foi a Portugal, commetti irreflectidamente uma d'essas faltas que a sociedade nunca perdõa. Procurei-te, foste minha confidente e algum tempo depois dava á luz um filho que fizeste desaparecer, removendo a pedra de escandalo que devia tornar-me eternamente infeliz. Occultando o fructo d'um erro, restabelecia a paz no lar; mas crês que eu tenha mais amor a Henriqueta do que a elle? Pelo contrario, mais o amo; e quando o vejo, sinto impetos de abraçal-o, de beijar-lhe as mãos, as faces, os cabellos . . . meu pobre filho! Só o dever póde impedir de dar-lhe o nome que a natureza impõe e a consciencia nega. (*Commovida. Pausa*).

HENR. (*que está entretida a examinar o tatú*) — Parece uma mulitinha!

PANUR. — Porém, deixemos o passado. Como minha confidente tens sido d'uma fidelidade que admirá em gente de tua profissão!

PANC. (*ar solemne*) — Fiz um juramento sobre o tumulo de minha mãe. (*Pausa*). Além de que não dais-me uma certa mesada? Cumpro meu dever.

PANUR. — Não fallemos d'isso. Má esposa, tenho sido peor: mãe.

HENR. (*correndo ao grupo das duas*) — O' tia Pancracia, hoje levo a sua mulitinha.

PANUR. — Não sejas buliçosa, Henriqueta.

PANC. — Leva, minha filha.

PANUR. — Vai para onde estavas, deixa-nos sós. (*Henriqueta volta á mesa*).

PANC. — Sentemo-nos. (*Ambas vão á direita e sentão-se*).

PANUR. — Como te ia dizendo, pessima esposa, não fui melhor mãe. Henriqueta tem dezeseete annos e no entanto crei-a para a vida esteril dos salões, alimentei-lhe os germens de vaidade que toda a moça traz consigo; em vez de educal-a para uma excellente mãe de familia, parece que até tive prazer em: transformal-a n'um monstro de defeitos. Ah! Pancracia, a mulher que semeia erros um dia, colhe espinhos toda a vida. Fiz: todas as vontades á minha filha, consentia que passasse dias e semanas fóra de casa com amigas de quem nunca indaguei a virtude e moral. E sabes o que resultou de semelhante facilidade? Henriqueta prevaricou e a criminosa sou eu e meu marido, que, quando não passa imaginando enfermidades que não tem, apraz-se em futilidades e passatempos improprios de seu estado e idade. Assim hoje. Teve ligeiras suspeitas da terrivel realidade, e no entretanto decorrida uma hora montava a cavallo para a chacara, em busca de hervas! (*Pausa*).

LAND. (*que tem estado a espreitar á portá, junto as ellas, a parte*) — Será possível, meu Deus!?

PANC. — Se não ouvisse de sua própria bocca . . . Mas quem foi?

PANUR. — Um miseravel que deve a essa hora estar dando conta a Deus do que fez. Confiava Henriqueta á companhia de suas filhas, e abusou de minha boa fé e da innocencia d'uma criança.

PANC. — Quem?

PANUR. — Anacleto.

PANC. — O boticario que morreu ha uma semana?

PANUR. — Sim.

LAND. (*á porta*) — O boticario!?. O boticario!?. (*co. plando Henriqueta*) E eu que a julgava um anjo!

PANC. — Nunca me enganei com aquella cara de lobishe mem.

PANUR. — Agora, minha boa Pancracia, que sabes tudo has de servir-me inda uma vez na occasião opportuna. Vou passar alguns mezes na chacara, meu marido vai fazer uma viagem

á ilha da Madeira. A mania da phthisica que o persegue sempre, vai prestar-me esse serviço.

PANC. — Quando chegar o dia, como sempre sua amiga.

LAND. (*á parte*). — Não has de ir, mãe. As mascaras hão de cahir. (*Batem desabridamente*).

PANUR. — Meu Deus! Quem será?

PANC. — Quem sabe, ladrões! Hoje não ha segurança.

SCENA VI.

Os mesmos e Manoel

MAN. (*fôra*) — Olá, velha Pancracia, abra a porta.

HENR. (*espantada*) — Meu pai!

PANUR. — Meu marido! E eu o cria na chacara!

PANC. — O Sr. Manoel da Lobeira! (*Batem com mais força*).

MAN. — Abra, abra, que não hei de estar ao sereno constipando o tuberculo.

PANUR. (*conduzindo Henriqueta para o quarto*) — Occultemo-nos.

PANC. (*á parte*). — Meu Deus! E Landulpho lá dentro! Hoje enlouqueço. (*Vai abrir a porta*).

SCENA VII.

A mesma e Manoel da Lobeira, que entra com um mólio de bervas.
Saúdo-se

PANC. — Como vamos de saúde, Sr. Lobeira?

MAN. (*com tristeza*) — A saúde? Péssima! Péssima! Hoje não ha medicos. Eu sinto todes os symptomas da phthisica, dôres no peito e nas costas uma rouquidão constante, tósse de manhã e de noite (*tossindo*), vô? E' sempre o mesmo. . . as faces ardem em febre. O pulmão já não está em bom estado, os tuberculos, eu creio, não devem demorar muito em abrirem em horriveis chagas. E' triste lembrar que em breve hei de assistir o deperhecimento de mim mesmo. E' triste! (*Pausa. Fica abatido por instantes*). Não ha medicos, e se não fossem meus proprios esforços, talvez ha muito estivesse morto. A sciencia toda não está só em obstar o desenvolvimento tubercular, é necessario destruir todo e qualquer germen de tubercularisação no tecido pulmonar. Tenho eu mesmo preparado alguns remedios que têm operado com felicidade. Assim uma combinação de casca de angico com flores de borrhagem e de saudades debellou completamente a falta de respiração que me accommettia a todo o instante; um chá composto de assucar candil, folhas de guaco e

sabugueiro tem melhoradô muito a ronqueira ; um xarope de althéa, agrião, perpetuas e mel. de mandaçaia attenuou-me consideravelmente a tósse. Hoje, não vê este mólho de ervas? E' poejo, rosa brava, urgervão, etc. Vou tratar d'uma nova composição. Se por estes dois mezes não ficar curado radicalmente, tenho uma nova idéa . . .

PANC. (*que tem bocejado varias vezes, interrompendo-a*) — Mas o senhor está bastante nutrido para soffrer do peito ; parece impossível.

MAN. (*o mesmo*) — As consolações, velha Paneracia, são inuteis para um homem que tem consciencia de seus soffrimentos.

PANC. — Não são consolações, fallo com sinceridade.

MAN. (*ar de duvida*) — Sinceridade!? Um doente que não sente o tuberculo fechando os bronchios, unicos conductos respiratorios, pôde crê-la, eu não.

PANC. — Deixe tacs idéas. O senhor não tem doença nenhuma, e se algum dia morrer, lia de ser só de hydropisia ou: um ataque de cabeça.

MAN. — Oxalá que assim fosse! Mas o tuberculo . . .

PANC. (*interrompendo-o*) — Não me dirá a que devo a honra de sua visita?

MAN. — Ah! E' verdadê. Com minha enfermidade ia esquecendo; por isso não ha nada como ter saúde. Minha filha anda-me lá com uns faniquitos que me fazem desconfiar bastante. Eu tenho um olhar summamente medico. A Panurgia não quer que eu chame algum perito, diz que é nervos. Como é muito amiga de minha mulher appareça amanhã lá por casa e observe Henriqueta. Como passava por aqui, vindo da chacara, tive essa idéa.

PANC. (*simulando admiração*) — Pois creê semelhante coisa de Henriqueta?

MAN. — Sim, um engurgitamento . . . Ai! meu Deus! (*Palpando o lado esquerdo, com expressão de dôr*). Que dôres! Vou-me embora. O ar da noite fez-me mal. (*Ouve-se um grito no quarto de Pancracia. Grande movimento e vozes*)

PANC. (*aterrada*) — Estou perdida!

MAN. — E' o grito de minha filha! A voz de minha mulher!

SCENA VIII.

Os mesmos, Panurgia e Landulpho, que apparecem, trazendo Henriqueta desmaiada. Pancracia e Manoel olhão-se estatelados. Silencio por instantes.

MAN. (*a Panurgia*) — Então a senhora quer matar-me ferçosamente? Quer que rebente o tuberculo?

PANUR. — Não me accuse antes de ouvir-me.

MAN. (*a Panurgia*) — Que significa essa scena, velha feiticira? Panurgia, Henriqueta e aquelle peralvilho (*indigito Landulpho*) no teu quarto! Hein?

LAND. (*movimento de colera*) — Cuidado! Olhe que as contas não estão justas.

PANC (*intervindo*) — Silencio! Quem falla, sou eu. Sr. Lobeira eu estava a sós com Landulpho, quando veio D. Panurgia; meu filho, por motivos que o senhor conhece melhor do que eu, escondeu-se. Depois chega o senhor, e como ellas não querião tambem encontral-o, e havendo na minha casa um só escondrijo, o meu quarto, encafuci-as n'elle. (*A Panurgia*). Agora explique o resto que não sei.

PANUR. — Minha filha travessa, como é, começou a fazer um exame da prisão em que momentaneamente se achava; do quarto passou á cozinha e ahi deparando com um vulto no poleiro das gallinhas, selta um grito e tem'o deliquio nervoso . . .

PANC. — Ha de ser assim. (*Ao ouvido de Panurgia*). Muito bem. Tal sangue frio! . . .

MAN. — Podia-se crêr . . . mas não . . . consolações apenas, consolações! Não é com palanfrorios que se apanha um velho gambá. (*A Landulpho*). Tu, biltre, has de reparar a affronta, casar com Henriqueta ou . . .

LAND. (*furioso*) — Eu casar com . . . (*Engasgado*) com . . . com . . .

PANC. (*travando-lhe do braço, baixo*) — Cala-te. Diz que sim até darmos nova feição ao negocio.

MAN. — Embora rebente-me o tuberculo, has de casar. Seduzir uma criança de menor idade! Julga que não temos leis a respeito? Que é seduzir, esfolar, matar, e sahir muito fresquinho? Veremos . . . Ou casamento ou cadeia . . .

PANUR. (*baixo á Landulpho*) — Por piedade, não o contrarie, ao monos agora.

LAND. (*que tem mostrado extrema luta nos gestos*) — Sim, sim . . . está tudo acabado . . . ha de vér.

MAN. (*alegremente batendo no hombro de Landulpho*) — Ah! meu maganão! (*Indigitando Henriqueta que já tem voltado a si e observa o final da scena como se a não comprehendesse*). Não é pequena honra tel-a por mulher . . . (*o panno desce*).

MARGARIDA

(CONTO)

AO MEU AMIGO AUGUSTO TOTTA

Pobre Margarida! A ultima vez que nos vimos foi ha tres annos.

Lembro-me ainda como se fosse hoje.

A noite destendia as azas de negro sobre a terra e ao longe resoava a cantiga suspirosa do camponio.

Em frente da tua casinha os salgueiros estremecião a rama-gem e as ondinas do Guahyba lambendo a praia segredavao queixumes.

As ultimas gaiotas sumião-se além nas amplidões e com ellas as canoinhas dos pescadores.

E tu, Margarida, reclinada no peitoril da janella, contemplativa, em extásis, embebias a terra com prantos; teus labios saturados de resignação murmuravão talvez a prece bemdita, que tua mãe ensinára ao toque das trindades.

Teu olhar cravado no firmamento parecia interceder ás estrellas um asylo para a tua alma inconsolavel; teus suspiros

cruciantes levava-os a viração perfumosa da primavera ao mundo dos archanjos.

Depois . . . as vozes do piano casarão-se com as vozes de tua alma.

Os que passavão, impellidos por uma força magica, irresistivel, suspendião o passo e paravão extaticos diante da tua porta.

Teu canto irrompendo o ether em modulações divinas arrebatava : era uma escala de ignotas melodias, dessas que o peito extravasa, quando o espirito transcende os plainos do ideal e equilibra-se entre a terra e o céo.

Se me lembro de ti, Margarida, flôr das alvoradas tão cedo batida pelas ventanias do infortunio !

Mal descerravas a caçoila nivea ao harpejo das brisas, pendeste inanime no hastil sem os orvalhos do amor.

O anjo das agonias velou-te o berço e cahiste prostrada no teu Calvario, martyr !

I

O L A R

N'uma pequena fazenda no municipio de S. Gabriel nascera Margarida ; foi ali que abriu os olhos na choça humilde de um peão

João Manoel, differente de quasi todos os pais, não sentia o menor regosijo contemplando o primeiro fructo do seu amor ; ao contrario impacientava-se ouvindo o choro da filhinha, parecia insensivel aos sorrisos insontes d'ella.

Quando lhe dizião que a menina era o seu retrato, João Manoel carregava o sobrolho, sacudia os hombros e tartamudeava algumas palavras que só elle entendia. Voltando então as costas para o interlocutor, seus labios tremulos de cólera soltavão baixo uma imprecação.

O descontentamento do peão estampava-se de dia em dia em sua fronte abatida e annuviada.

Tornára-se mais assomado e irascivel ; o minimo gracejo o contrariava ; a frase equívoca soava-lhe ao ouvido como uma affron-

ta ; um gesto, um segredo ás vezes era bastante, na roda de seus companheiros, para despertar-lhe uma duvida cruel, uma contracção terrivel de nervos.

Entretanto, quasi todos na fazenda ignoravão a causa da extrema brutalidade e acabrunhamento de João Manoel ; sua propria mulher poucas vezes lhe ouvia uma palavra ; raras vezes um olhar e esse mesmo tinha a ferocidade do tigre.

Carolina amamentava a filhinha, quando alta noite bateu-lhe á porta o marido.

— Tão tarde vens agora, Manduca ! . . . disse ella tremula de susto, com os olhos arrazados de lagrimas.

— Pois o que tem ? ! . . . respondeu João Manoel atirando-se sobre um catre em ruinas.

— Já os gallos dão signal de meia noite e tu agora é que chegas ! . . .

— E' minha vontade . . .

— Eras d'antes tão bom, tão amoroso, Manduca ; tornou Carolina, lobrigando nas faces do marido uma enfiada de lagrimas.

— Era sim, era e . . .

— E o que, Manduca ? . . . Porque choras ? . . . Pois fizte alguma cousa ? . . . Tu és quem me maltrata, eu não me queixo a ninguem das tuas pancadas . . . dos teus odios . . . já me tens querido matar, Manduca !

João Manoel tirou de traz da orelha a ponta de cigarro e acendeu-a no isqueiro.

— Então ficas ali ainda hoje ? tornou Carolina, inquieta diante d'aquelle homem que outr'ora a tranquilisava . . .

Seguirão-se outras perguntas, porém João Manoel respondera á todas com o mais desprezivel silencio.

Carolina mal descortinava o mysterio profundo e terrivel que esmagava o coração de seu marido.

A incerteza é peor ás vezes do que a morte ; pensava talvez João Manoel n'aquelle momento em que tragava gotta á gotta o amargo d'essa duvida infernal, que lhe rasgava a alma.

— Responde, Manduca ; falla . . . Então mesmo queres dormir inda hoje ali ? . . .

Ha quasi 2 mezes que passas as noites separado de mim . . . noites e dias ! E' muito desprezo para quem se julga innocente ! . . .

As palavras de Carolina repassadas de uma afflicção e ternura indefiniveis, infiltravão-se na alma do peão, que parecia arroubado escutando-as. João Manoel com effeito não sentia agora o tormento do ciume, porém a consciencia de um remorso desesperador.

— Ella é quem é a victima e eu o algoz, pensou elle ; porém

subito a testa do peão franziou-se e o seu olhar incendiado fixou-se em Carolina.

O vento rugia nas capororocas e timbaúvas e ao longe passava a tempestade iracunda.

Carolina ajoelhou-se ante a imagem de Nossa Senhora, fez a oração da noite e deitou-se.

Deitou-se apenas, porque o resto da noite passára ella velando o enlevo de sua vida. A pobre mãe derretia-se em prantos amimando a filhinha.

II

R E C O N C I L I A Ç Ã O

Quando os primeiros raios da madrugada aluziarão frouxamente o ether, João Manoel ergueu-se de um salto do catre, onde pernoitára vestido; accendeu parte da fachina n'um recanto da taipa e sobre o brazido deitou a ferver a chaleirinha d'agua.

Começava a tomar o segundo matte, quando ouviu o choro doentio da filha.

Os labios do peão crisparão-se e a cuia desfez-se em cacos contra a parede.

— Não te fazer o mesmo !

Carolina ouvindo a frase odienta e ameaçadora do marido, neochevou o peito á boquinha da criança, que fazia inuteis esforços para alimentar-se.

O leite da infeliz mãe seccava consideravelmente, e começava a deteriorar-se.

Não foi sem um esforço sublime que ella se dirigio ao marido, cujo olhar parecia mais de uma fera que de um homem.

— Olha, Manduca, disse ella mostrando-lhe o peito flaccido; espreme e verás que côr tem . . . Está chovendo tanto . . . Vai tirar um pouco de leite para a tua filha, a coitadinha chora porque tem fome.

— E para que se ha de criar isto ?

— Que dizes, Manduca ? ! . . . E' tua filha, é o nosso sangue !

— Será tua, minha . . .

— Mette-me a faca que tens ahí, porque não dõa tanto como essa calumnia!

— Calumnia?! . . .

— Sim, sim, Manduca! . . .

Quem te disse que eu não sou uma mulher honrada? . . . Viste com os teus olhos? . . . Pois então falla, se não queres pôr-me doida! . . .

— Desconfio . . . Aquí entra um homem quasi todos os dias.

— E' teu irmão; abriste-lhe a porta, poderia eu fechal-a?

Ah! Manduca, és bem máo para mim! Ou me pedes perdão agora mesmo, ou saio d'esta casa para não voltar mais . . .

— Pódes ir, disse João Manoel abrindo a porta; vai antes que te mande.

No momento em que a porta abriu-se appareceu um vulto; apeiou-se do cavallo todo apeirado de pratas e galgou o interior do casebre do peão.

Era o estancieiro.

Vendo-o, Carolina quiz disfarçar o eculeo lancinante para não comprometter o marido; porém as lagrimas roventavão impetuosas alagando-lhe as faces descoradas.

— Porque maltratas assim a tua mulher, João Manoel? O que fez ella?

— Eu sei cá, respondeu concentrando-se em odio o peão.

— Elle não me maltrata, disse Carolina, com uma resignação evangelica.

— Eu sei, disserão-me hontem, só hontem infelizmente soube. Ciumes de um doido! . . . Aquí está a razão porque se mette nas tabernas e jóga e bebe até alta noite. O teu procedimento é que é indigno, João Manoel. Abandonas a tua mulher e filha e queixas-te ao depois.

— E quero me ir embora, retorquio o peão.

— Para onde, Manduca! E eu, onde hei de ficar?!

— Não ha de faltar quem te proteja.

— E's um cobarde, João Manoel; se não fosse ella, mandava-te estaquear agora mesmo. Onde tens as provas da infidelidade de Carolina? Não se accusa assim, é preciso provar. Criminoso és tú, e Deus ha de ser o teu juiz. Vê o que fazes . . . Pede-lhe perdão . . . Eras tão bom marido e tornas-te um marido perverso . . . Vamos, eu não saio d'aqui sem vêr restabelecida a paz d'esta casa . . .

Pelo semblante de Carolina diffundia-se uma alegria indefinível; a alma triste e abatida como que sentia já quebrarem-se

os elos que a agrilhoavão ao poste do martyrio. Adevinhava que a innocencia ia triumphar e seus labios tremulos de ineffavel jubilo agradecião á Deus tamanha ventura.

— Tu não me enganas, Carola? interrogou João Manoel depois de longo silencio, cravando um olhar apaixonado e compassivo na mulher.

— Que Deus mate a nossa filhinha, se não sou uma mulher fiel, Manduca!

— Juras pelas cinzas de tua mãe? tornou o peão com voz commovida e dolorosa.

— Juro, juro! O bem que te quero, Manduca, Deus sabe!

— Pois agora, João Manoel, disse o estancieiro; ajoelha-te aos pés de Carolina e jura-lhe tambem que serás um bom marido.

— Juro. redarguiu o peão.

E ia cahir ajoelhado ante a mulher; porém os braços d'ella se lhe enrolarão ao pescoço n'um amplexo sublime de commoção.

D'ahi á um mez batipsou-se a menina e fôra seu padrinho o estancieiro.

(Continúa).

A MÃI DE OURO

I

SCENARIO

Oh! como é bello e poetico o selvagem Piratiny com seus murmurios suaves, mysteriosos como as vozes do ermo agreste!

Aqui as arvores de uma margem e de outra que entre si trocão caricias, estendendo os vigorosos braços se enlação, fazem uma escura cupola de verdura, a cuja sombra o arroio placido repousa em seu leito de finissima areia como a fronte do filho adorado no collo da mãe que o idolatra. A ém mais oppulento se rojando, suas ondas empoladas como as escamas d'uma serpe irritada, resvallão no chão e vão desaparecer no fundo de uma clareira de mato, onde fluctuão as sombras, como a escorregadia coral no calice nacarado da açucena.

Depois atravessa rugindo, saltando por entre pedras, profunda abobada de verdura, onde mal coado por entre menos trançadas ramas, se escapa doudejante e fugitivo raio de sol, a banhar-se na limpida corrente; enquanto que a brisa, a brisa silvestre, debruça-se palreira no esmeraldino debrum das frondes

do gerivá e mysteriosamente cicía, olhando os céos azulados, medindo a distancia do mato.

Surgindo além recliná-se preguiçoso em areal de amplo descampado, e o liquido corpo prateado doura na luz dos vividos raios do sol.

No remate da varzea um palmar de gerivás mergulha os leques buliçosos no transparente ambiente. A' sua sombra por entre columnas de troncos esbranquiçados, errão e perpassão por entre a ramagem em rapidos vôos, bandos multicôres de borboletas, semelhando festões de aladas flôres, que do docél das palmeiras despargisse algum travesso corupira do deserto.

D'ahi á esquerda um trilho quasi extincto, se abre no mato, semi-oculto pelas macegas que saltão do chão, vigorosas com a abundante chuva que o Janeiro trouxe.

D'um e outro lado do trilho os arbustos do coral sè toucão de flores auri-rubras, que o debil vento arranca aos punhados para marchetar o verde gramado; e os cactus-bolas, nas calidas manhãs do verão, entre abrem as petalas vidradas, semi-transparentes da loura-flôr em cujo vaso aromatico se espoja o primeiro raio do sol nascente.

As robustas tarumãs e alterosas batingas ensombrão o trilho que se vai sumir além no escuro da restinga sob a sua basta folhagem. Inebrião estes mysteriosos ermos as vozes deliciosas dos sabiás que solução na athmosphera impregnada de rusticos perfumes.

Se o ineffavel silencio do deserto toma posse do momento; se a mais completa mudez consorcia-se aos invisiveis genios das florestas, para que em braços de amantes se cinjão, sem que lhes quebre o mistico prazer o mais leve ruido profano, não o é por muito tempo. E com os invisiveis genios do deserto expira o matrimonio da mudez, aos vagos e doudejantes murmurios que errão no ambiente, divinos como as magicas vibrações d'uma hârpa còlia.

As ramas do páo de cachimbo curvão-se ao chão carregadas de *buquês* deslumbrantes de alvissimas florinhas, á cujo redor zumbem em bandos as mandaçaias e lixiguanas, os irapuás e mirins.

Os cardeaes despertos da indolencia da estiva sêsta erguem o rubro topete e embalando-se nas enredanças da crecíuma, sacodem aos amorosos zephirus o argentino trinado; emquanto a araponga pousada no alto da guabiroba solta o grito agudo e compassado que sobressalta os echos do ermo, a cada vibração.

A presenciar estas scenas risonhas, estes ridentes panoramas, serpea o trilho pelo bosque subindo sempre, como que em procura de mais ar, mais vida e mais luz.

O mato abafa-o, suffoca-o, entre os vigorosos troncos de suas arvores, e elle a custo tactêa nas sombras indeciso d'uma sahida.

Depois de muitas voltas e zig-zags, ora contornando touças de taleiras e urumbebas que lhe estorvão a passagem, ora beirando a sanga que corre entre barrancos vestidos de avencas e samambaias, ora fugindo em desvio ao inextrincavel chaos que se lhe antolha de cipós e trepadeiras, que saltando de uma arvore a outra encontrão-se no ar, affagão-se; abração-se depois, e tecem entre si impenetravel rêde de verdura; depois de tão afadigada marcha, vai exausto expirar na orla do mato, d'onde se estende até longes remotes, que a vista não pôde abarcar, o pampa interminavel.

Cambiamos de local, cambiamos de panorama.

Cessou o rumor e o bulicio dos bosques; cessarão as scenas variadas e picturescas dos matos.

Surge-nos diante dos olhos a campina infinda, morta e terrificada sob o peito do celeste páramo. Umhas coxilhas outras coxilhas ligão, e o mesmo tapete de relva e o mesmo lençol de capinzal estendendo-se ao infinito, perde-se no vago, no indiciso de remotos horisontes.

O campo apresenta-nos as suaves ondulações do mar em calmaria, immovel como que momentaneamente petrificado pelo pavor, quando no espaço cheio de luz não erra a minima aragem que venha refocilar-se á flor da terra no opulento gramado.

Se porém da Serra dos Tapes, que azuleja distante, vem calida bafagem, como o resfolegar dos sertões espojar-se na planicie, os capins dobrão os topes, amacião o seio, e a aragem arisca perpassa, como a ligeira mão sobre as cordas da viola gaúcha, arrancando-lhe ciciantes melodias! . . . e além se perde no capinzal acurvado.

Depois recahe a campina estupefacta em sua inalteravel placidez a namorar o céu, que se banha em luz para mais faceiro contemplal-a. O amante enternecido envia á esposa adorada o pollen fecundante nos rutilantes raios do sol que ella cariciosa affaga em seu seio.

Se lhe toldão o semblante nevoas de desgostos, ou negra nuvem de raiva lhe obumbra a face: ella descora resentida, perde o viço, envolve-se em sombras de pezar, e toma o aspecto sinistro do necrotereo ás escuras. O horror atemorizador que no céu negro e chumbado se ostenta, reflecte-se na campina obscurcida.

E ambos convivas das mesmas alegrias e pompas: convivas ainda na dôr, lutão na tempestade com os elementos em furia.

De parte a parte trocão-se brados de animação; e a chuva e o vendaval se péchão nos céos: e a chuva e o pampeiro se péchão no plaino.

No dia seguinte desperta a savana pallida e amortecida, ferida e contusa, a contemplar o céu descorado, e enjoado como o sybarita tresnoitado após orgias.

E' então que a solidão é triste, tão triste que estringe o coração, ao contemplal-a! A campina entorpecida sem alento de vida, desfralda-se fluctuando em cochilas, canhadas, por esse infinito, livida e sombria, como o pavimento d'um claustro.

Nada ha de encantador n'essa hora que amenise a monotonia estupenda! Nem uma voz doce que soluce no espaço, nem um raio de sol fluctuando na cerração!

O céu morno e esbranquiçado, cheio de tédio, como que boceja aborrecido. Nem lhe estofa a pallidez a minima nesga de azul!

Oh! então tudo é triste e merencório, até o grito estridulo e agudo que solta o tacaau¹ entre os caracás do proximo açude!

Mas outro dia vem em que a savana languida estende-se gentil ao longe, e no horisonte visivel parece sumir-se nos braços do céu, como a desposada no seio do consorte. A luz derrama-se em cascatas sobre o relvado que brilha como esmeralda; e a aragem feiticeira do estio impregnada de aromas, desfazendo-se em murmurios, desperta estalidos maviosos nos caracás do banhado, como na soluçante castanhola da volupia no borboleteante bolero, a morena filha de Sevilla.

Os negros cardeaes infeitiçados embalão-se beijando-se nos flexiveis juncos, approximando amorosos as cabeças rubras como brazas em fogo, e o jaguané gorrulante salta de haste em haste, em quanto nas aguas transparentes do açude de leve chamalotadas, deslisão cantando, os bandos gentís das irêres, por entre os nenuphars fluctuantes.

O sol desfaz-se em chispas que rutilão na savana, e ao o capim do vargado ferido pelos seus raios d'ouro, semelha lagos em seu esmeraldino seio arfando. Embutidás no azul dos céos nuvemzinhas vaporosas reflectem-se á sua tona, onde espelhão encantadoras phantasias. E ao erradio-viajor parece-lhe encontrar na extrema do horisonte encantadores paizes. A nuvemzinha reflectida espelha-se nas aguas como uma graciosa vivenda de uyara flutuando nas ondas. As exhalações vaporosas dos campos em diaphanos véos cingindo-a, fingem aerios jardins, por alguma languorosa deidade habitados.

¹ Não sabemos escrever a modo de bem pronunciar o nome d'esta ave. A palavra tem um som gutural e fanho.

0 Miragens graciosas dô pampã!

A' noite . . . trocã-se esplendores com esplendores, deslumbramentos com deslumbramentos: os mysticos esponsaes da natureza tornã-se magestosos! O céo recama-se de estrellas e a terra de pirilampos.

Dois céos neste instante abraçã-se: o céo das espheras raiosas e o céo da lama deslumbrante!

Um veste-se de azul e illumina-se de milhões de milhões de luzernas de planetas; o outro traja de verde e coalha-se de constellações de vagalumes, aladas estrellas que voão, remontã-se aos ares, e borboleteão em cardumes á flôr dos campos.

No dia seguinte alegre e ridente desperta a savana. O sol desfeito em raios lambe-lhe os esmeraldinos contornos. A perdiz assobia no macegal, o boi babuja a relva da canhada, e no alto da cochilha relincha o pastor entre as eguas da tropilha; soberbo como o sultão entre as odaliscas do harém. Os quero-querôs levantão o vôo, revoluteão no espaço ao redor do ninho, atroando os ares com seu alegre gazeio.

No declive da cochilha que se debruça para o mato e orla as margens do Piratiny, e serpea pelo meio de uma restinga que se alonga pela encosta, uma sanga entre pedregulhos: ali quasi escondida entre o arvoredô espreguiça-se uma casinha de taipa, colmada de tiririca, apoiada a uma annosa figueira silvestre. A um lado, á esquerda da casa, gemeos dois umbús gigantes mergulhão a viridante ramagem nos céos.

Mais além na extrema da encosta, fronteiro ao trilho que perde-se no mato sacode a fronte desgrenhada no ambiente um enorme cambará, a cuja sômbra os novilhos refocilão-se no chão e escarvão-lhe as raizes rijas.

E' ahi n'essa morada modesta e gentil que se occulta á esta hora matutina no leito, como a perola na concha, que brinca ãa ramagem das espumas marinhas — Annita, a morena flôr d'esse rincão.

Resvala de leve, oh penna! para que teu ruido não perturbe o placido somno da virgem! Não ouves como palpita esse coração sem mancha? como arfa o moreno seio avelludado?

Não perturbes o repouso da virgem.

Passa de leve, oh, penna!

VICTOR VALPIRIO

Pelotas, Fevereiro de 1873.

(Continúa).

² Em uma noite de esplendido luar contemplei n'uma estancia situada á margem direita do Piratiny uma scena d'estas. Erão cardumes e cardumes que luzião no gramado borboleteando outros nos ares da noite dialeptica.

panulas saciadas pendião a cabecinha rubra e aconchegavão-se á rama. O grillo chilreava occulto: as rãs grasnavão nas lagoas cheias: as madresilvas no jardim se despencavão!

E tu! e tu, ó anjo da amargura, cravavas o olhar scintillante embaciado de lagrimas, profundo como o infinito, nos olhos apaixonados d'elle.

Pela janella entreaberta avistava-se uma nesga de céu, negra e triste como o traje da orphandade, como o vestido da viuvez, ou o leito de agonia de um amor moribundo.

O vento gemia entre as arvores do quintal que se estorcião ululando, e a chuva miúda e densa açoutava a vidraça, como a dôr fustiga a quietação da vida, da vida de folgares,

Lembras-te? Um vestido branco, leve e gentil te envolvia em um manto aério, como a irradiação de uma alma immaculada o corpo virginal de um anjo.

Tua voz doce e sentida, baixinho repercutia-lhe n'alma entristecida e agoniada, como a surdina de um órgão nas naves escuras de um templo decadente.

Não era mais doce a voz que soluça ao longe saudades de seu ninho do sabiá pousado nos leques dos palmares que além fluctuão; não era mais doce a endeixa da ondinha que se desfaz em espuma, de encontro aos alcantis do rochedo; não era mais doce o canto do jangadeiro no oscillante lenho perdido nas ondulações do mar irritado — do que a tua voz maviosa que soluçava palavras tremulas, n'esse momento inolvidavel nas recordações de dias tristes.

E os ultimos sons da tua voz sentida tremerão e esvairão-se na athmosphera fria da noite, como nos cabellos da hetaira os perfumes de amphora derrancada, como n'uma lyra despedaçada os ais finaes d'uma elegia. E as scintillações tremulas de teus olhos velados de pranto faiscarão através as lagrimas, como no dorso das ondas aos lumes do céu, phosphoreião ardentias no mar.



Dez pancadas compassadas vibrou a pendula da sala, e as dez pancadas fataes retinirão nos ares.

Porque tão cedo soastes, oh, hora da separação? Porque tão cedo te viestes collocar de permeio a dois corações que titillavão nas mesmas sensações, a duas almas que na mesma lamina dolorosa se embebião?

Não viste que as lagrimas que rolavão ao longo de seus ci-

lios macerados, não transbordar na mesma taça, que o mesmo soluçar d'alma era tragado pelo mesmo ambiente?

Que a dôr compartilhada em duas existencias que se idolatram é menos agra, é menos espinhosa, que aquella que se desata em lagrimas na solidão; que se recalca no fundo do peito, entre cenhos adustos?

E porque tão cedo soastes oh, pendula inflexivel, as dez pancadas fataes?

Elle ergueu-se triste e desanimado: com mão tremula travou do chapéo.

Ella offereceu-lhe a mãosinha nesse instante pallida como o jaspe, que elle apertou em sobresalto entre as suas ardentes, entre as suas mãos febris.

A chuva miúda e fina batia nas vidraças, e algum relampago perdido nas nuvens, nas negras nuvens da noite, luzia como uma pupilla incendiada entre as caligens, e com tremula detonação ia ao longe, gaguejando morrer.

Ella inclinou a cabeça amorosa e dolorida sobre o hombro, como sobre o hastil presentindo a tempestade debruça a cecem o calice diamantino. Os seus olhos negros e brilhantes fluctuavão nas orbitas côr de leite, como scintillão estrellas no céu d'uma noite divina. E uma nuvem negra de cabellos desabou . . . e destacou-se nas vestes brancas de Mimi, como um passaro negro que oscilla sobre as azas na diaphaneidade do espaço.

Oh! arrebatadora Mimi, opulenta formosura! Eras nesse momento a marmorea estatua da dôr petrificada junto ao berço, ao virgem berço d'um amor exangue!

Depois d'isso que de tempo não escoou-se!

A chuva, a chuva miúda e fina que te açoitava as vidraças, assim como veio, assim foi-se, arrebatada nas azas ligeiras . . . nas ligeiras azas do tempo! Dias vierão, dias forão-se . . .

*
* *

O ambiente enche-se de luz e de perfumes.

As rosas agitam-se nos jardins; as trepadeiras juncão o chão de lividas florinhas multicôres, que o agil pésinho da criança machuca. As cachociras no sertão soluçam entre os rochedos musgosos, e os passarinhos na horta, em feiteiceira orchestra, desatão uma por uma todas as harmonias inebriantes de sua collecção de cantos. A natureza aneia, palpita e canta.

Só tu não tens um riso para saudar a primavera que desperta louçã nos arreboés da existencia. Só tu não tens um grito de

alegria como os passarinhos para namorar a estação florida, que se engrinalda em rosas, e com passo agil e lesto desliza em lagos encantadores como a mãe d'agua fascinante, que mergulha o corpo na aperolada onda de seu lago, e a cabeça gentil nas louras cascatas do sol.

Só tu deixas passar indifferente o bando das verdejantes alegrias e das anreas chiméras!



Resôa febricitante nos salões illuminados, cheios de aromas voluptuosos, cheios de flôres e murmúrios que gemem, as vozes amorosas da orchestra provocante.

Não te apraz o ritornello da walsa que adeja delirante nos confins do salão cheio de luzes, de perfumes e flôres? Não te seduz o revolutear da dança que borboletça no ambiente incendiado de vertigens, resvalando sobre a tapessaria avelludada?

A estas horas em que a loucura róla febril pelo pavimento entapetado, em que as cabeças se desvairão de prazeres imaginaveis, e estalão as castanholas da orchestra repinicadas no tépido ambiente, e os beijos apinhados nos roseos labios . . . á estas horas em tua alcova solitaria em que pensas, em que scismas, ó pallida imagem da angustia?

Talvez, em tuas noites ermas de somno te passe á miúdo na imaginação a lembrança d'elle cercada das recordações fagueiras d'um passado feliz. Talvez revôem em teu desmaiado céu de felicidade as scenas venturosas d'uma epocha extincta!

Talvez enquanto outros riem e folguem, tu, mártirisado anjo, comprimias o coração que te bate apressado, enquanto teus olhos negros, teus negros olhos scintillantes em que borbulhão lagrimas, como perolas na rosada concha, se mergulhão na divina transparencia dos céos!



Pobre Mimi!

A tua corôa de risos desfolhada revoluteou nas azas da ventania, e as flôres despencadas e as petalas resequidas, oh! anjo da dôr! forão se enfeixar na sepultura fresca onde suffocarão o teu pobre amor.

Com elle submergirão-se na negra cova a alegria, a espe-

rança, a illusão, a idéa de felicidade que outr'ora se aninhavão nas grutas diamantinas de teu peito.

E' por isso que abandonas o bulicio; que foges aos salões festivos e á alegre convivencia das amigas, para solitaria e isolada de todos, da janellinha entreaberta de tua alcova mergulhar cses teus negros olhos faiscentes, vendados de pranto, nos franjados horisontes onde se debucha o cadaver sangrento de teu amor assassinado!

E então, tu choras! . . .



Chora, meu anjo! Derrama sobre o cadaver adorado as lagrimas de tua alma! Envolve o orphão das affeições mundanas no sudario de tua dôr!

Jatyr.

e cambraias do noivado, quer livido o envolvas na toga mórtua-ria! . . . porque o que mais amo em ti, ó minha doirada visão de noites ermas de somno, — é essa alma immaculada e pura, como o celeste berço em que a divindade acalenta o anjo luminoso do bem supremo! é esse coração martyr, macio ninho onde pipillão tímidos os affectos generosos, que revoão no céu tépido de tua alma!

E' esse espirito angelico que te dicta sacrificios, aconselha abnegações, e que te diz não repillas a taça amargosa, a amargosa taça do fel, adocicado em tuas lagrimas.

Não são os andrajos da belleza esplendida, os donaires d'un corpo divino, os relevados seios túmidos, onde os mysticos colibris de amor se aninhão, o que a ti me prende. Me encanta, seduz e fascina tua alma immaculada, cristalina, alvissima caçoi-la fumegante, d'onde como as preces ferventes da virgem, sóbem os cálidos aromas do amor, do amor que consome e mata, ao seio infinito do Deus de misericordia.

Do Deus infinito de misericordia que uma a uma transforma as bagas de pranto que pelas tuas palpebras rolão, nas perolas mysteriosas que fulgem em seu seio alvissimo . . .

No seu seio alvissimo, oh pallido anjo! onde teus olhos se mergulhão tristes no luminoso ether que sobre ti esparge as ondas da bondade imperecivel que a tua alma aformosêa. No ether luminoso d'onde sahe a tua nobre fronte mais bella e mais formosa, repleta de idéas generosas, livres de preconceitos, para expandir-se em um pensamento que acalentás!

Por isso viva ou morta que sejas, aqui, além, nas raias do Universo: ou ponhão-se entre nós de permeio mares, continentes e mundos, ou céos, astros e espaços: quer adorar-te possa a teus pés de joelhos em todo o esplendor da vida e da belleza; quer possa apenas fallar-te debruçado sobre a lapide funeraria que teus mimos avára e insaciavel esconde, — hei de amar-te, hei de adorar-te sempre! . . .

Ao redor de tua imagem fascinante, como a salamandra ao redor da chamma, que a ha de consumir, revoará minha alma, que em seu seio te espelha, em seu coração te radica . . . até que extremada succumba na flamma! . . . porque em ti encontrei o ideal de minha mocidade sonhadora, em ti o anjo generoso e compassivo, o anjo desventurado, sanctificado pelo martyrio longo e silencioso d'uma dôr intransigente com a ventura com-pravel!

Porque tu és a urna preciosa d'onde manão em effluvios

indefiniveis os mais esplendidos aromas do sentimento e da nobreza que teu coração adita.

Assim admirando teu corpo de fada, adoro a grandeza de tua alma.

No sacrario do coração serei o levita d'um amor eterno!

E tua imagem, tua memoria, a divindade vaporosa do templo recondito! . . .

Lá o sacerdote ajoelhado aos pés do altar eternamente mantém o culto.

A lampada que o santuario aclara, não se apaga nunca; o thuribulo que a divindade mystica incensa, não tomba exausto no pavimento, nem extinguem-se as preces fervorosas que te glorificão, oh, deusa de minha alma.

Jatyr.

Pelotas — 1873.

MENINA NA WALSA

No baile, sorrindo, menina formosa
Da walsa ao convite não faz-se rogada ;
Ligeira,
Faceira,
Na sala esplendente, de flôres ornada,
No seio do par co' a frente pousada,
Qual ave que ensaia vòar pelo espaço
Balança
Na dança
Marcando compasso

De chofre, qual penna que o vento arrebatá,
Mais leve do que ella ; mais leve que a brisa,
No espaço desliza ;
Seu pé pequenino mal tóca no chão ;
Ligeira perpassa, semelha o clarão
De um raio fugace que os céos illumina,
Que após se esvaece,
Que logo apparece,
De novo na esphera
Com luz peregrina.

Que linda, faceira, na walsa walsando !
Um floco de neve nas azas de um sonho
Parece, nos ares subtil doudejando ;
Gentil borboleta, fugindo inconstante,
Lá vòda
Revòda ;
Girando
Da dança
Nas azas
Não cança.

Lá córrre, não penna, delira resvala
Na sala ;
Corando,
Suspira

E ás vezes parece
Que o ar lhe fallece ;
Mas sempre louquinha, travessa walsando,
Da dança
Nas azas
Não cança.

Acaba-se o baile — termina-se a walsa,
E d'ella a menina lá fica saudosa,
E á casa chegando — no leito sósinha,
Suspira, adormece, sonhando mimosa.
Que vòda,
Revòda ;
Que ainda
Da dança
Nas azas
Não cança.

BERNARDO TAVEIRA JUNIOR.

A O M E U A N J O D A G U A R D A

Anjo de Deus, que no berço
 a minha guarda tiveste ;
 tu que primeiro acolheste
 do meu nascer os vagidos ;
 tu que aclamaste os gemidos
 da mãe, que me deu a luz . . .
 Anjo de Deus, que és meu guia,
 do viver na senda impia,
 meus frouxos passos conduz !

Quando moço, allucinado
 das paixões, na dura lida,
 fôr o céu da minha vida
 com chiméras se enublado :
 meu bom anjo, por teu mando
 Succede às trévas a luz ! . . .
 Quando eu blaspheme em delirios,
 Vem tu lembrar-me os martyrios
 do Homem morto na Cruz !

Quando meus labios sorrirem,
 paire n'elles teu sorriso :
 e da luz do paraíso
 fórma a luz dos meus olhares,
 que da vida nos asares
 sinta eu sempre o amparo teu ;
 e na quadra dos enganos
 me perlustre os poucos annos
 o saber, que Deus te deu !

.
 e das tentações do inferno
 desviando os passos meus,
 leva-me ás lutas da sorte,
 e do berço até a morte,
 sê meu guia, anjo de Deus !

MENEZES PAREDES.

São Gabriel, Outubro de 1870.

M I N H A A L M A É T R I S T E

Estou só — a solidão
 Inspira fundos anceios,
 Gera não sei que receios,
 Diz-nos não sei que tristeza.
 Pela tarde a natureza,
 Reveste a pallida còr.
 De tão profunda saudade,
 Que os labios calão os cantos,
 Dos olhos rebentão prantos ;
 E seja qual fôr a idade, f . . .
 Qual a quadra e qual o dia,
 Envolve-se a alma toda
 N'um véo de melancolia.

E a vaga a soluçar,
 Atróz, atróz nostalgia,
 Sublime dizem que é,
 Me veio colher de pé ! . . .
 Uma vella se escondia
 Lá na extrema do horizonte
 Lá onde o sol banha a fronte
 Quando vai deitar-se o dia ;
 Quantas imagens e idéas,
 Que amargos presentimentos,
 Que doídos pensamentos
 Desenhou-me a phantasia,
 Dizel-o não saberia . . .
 Mas erão d'ôres e espinhos ! . . .
 Saudades de teus carinhos
 O' minha querida irmã !
 Memorias de uns tempos idos
 Das eras que já lá vão,

E assim estou ! . . . inda ha pouco
 Na praia junto do mar,
 Ouvindo o vento a gemer

Tão livres e estremecidas
E que não mais volverão !

.....

E' que o batel no oceano
Sósinho cortando o mar,
Fugindo as iras do vento,
Vefejando sem parar,
Arrostando o pégo iroso
Sobre mil nortes maréa,
A's vezes na fulva arêa,
A's vezes n'um baixo ou rocha,
A's vezes sobre um parcel
Lá vai o pobre batel
Afundar-se, sossobrar ;
O mar lhe sacóde os flancos
Tê os seios lhe varar,
E o campeão denodado,
Geme arqueja, cede ao mar !

E esta luta tremenda
E' a imagem do viver !...

Se eu hei de vêr-me vencida ...
Se na luta vou morrer ...
Sinto o meu ser já caçado !
E' meu batel sossobrado.
E por fim de tanto affã,
Inda trévas no horizonte ...
Talvez, talvez, amanhã
A lida terá findado
Mas não no porto almejado !

Tenho medo á esta davida !
E' tão fria a morte ! gela ...
E' tão escuro o sepulchro,
E' tão só e ermo !... e bella
Da mais formosa lutoxia
Tinha eu sonhado louçã
A' luz do meu claro dia !
Que sonhos ! que amor ! que flôres !
Que alhambras na phantasia !
Esta minha alma enferma
Na sua longa agonia
Um a um e hora a hora
Flores, sonhos destruiu !

.....

Que idéas ! ! ... a solidão
Infunde melancolia,
Como a fruta ao longe á noite,
Quando nas folhas cicia
D'estes salgueiros da margem,
Suspirosa a branda aragem.

Causa tristeza profunda
Como o soluço do mar,
Continuo sempre gemendo
Tê nas rochas se quebrar.

E' triste, triste devéras
O' meu Deus a solidão ;
Confrange-se a alma toda,
Atrophia o coração ! ...

AMALIA FIGUEIRÔA.

1873.

CHRONICA

Es-nos mais uma vez encarregados de confeccionar a chronica da *Revista*; esforcemo-nos pois, e em poucas palavras relatemos os factos de que temos conhecimento, e que entrão no dominio das letras.

Comecemos por saudar o apparecimento de mais um periodico a — *Gazeta Rio-Grandense*.

Este jornal, cujo proprietario e redactor 'é o Sr. Manoel de Araujo Castro Ramalho, veio á luz da publicidade em o mez de Dezembro; é uma publicação importante, já pelos bons artigos que traz, já pelo facto de pôr ao alcance de todas as classes conhecimentos uteis, orientando-as sobre sciencias, artes, agricultura e industria.

Em uma provincia como a nossa, onde a iniciativa vai produzindo um maior desenvolvimento em todos os sentidos, deve sempre ser acoroçoado o trabalho do espirito tendente a traçar largos horisontes ao trabalho material.

E' assim que vemos na *Gazeta Rio-Grandense* um novo athleta na liça dos combates, que tem por fim o engrandecimento da provincia.

Que o novo combatente não se arreceie dos frios vendavaes da indifferença, e antes caminhe ovante na senda que encetou é o que ardentemente almejamos.

O estudo das lettras vai incontestavelmente desenvolvendo-se na provincia ; a juventude abandonando o materialismo que embota o espirito e cança o coração, corre pressurosa a abraçar as sciencias, e n'ellas concentrando-se, attesta a cada passo, pelos trabalhos que apresenta, que tem comprehendido o seu dever.

Hontem erão as mimosas producções poeticas de Amalia Figueirôa, hoje são os *Ensaaios Timidos* de Damasceno Vieira, amanhã serão as *Vozes Tremulas* de Mucio Teixeira e as *Paricelarias* de Menezes Parêdes, e sempre — flôres que brotão fragrantas aos tenues sopros das virações do sul.

Se este movimento não bastar para roborar a nossa asserção, ali temos a fundação de mais uma sociedade os *Ensaaios Literarios*.

E' mais um nucleo onde se vão fortalecer intelligencias brilhantes, e que perdurará sem duvida bafejado pela fé.

Que importa que o mercantilismo, desconhecendo o dever que tem de proteger a causa das lettras, maldiga a criação de sociedades, que têm por fim a illustração do espirito ?

A moeda que corre luzente sobre o balcão não compra a luz que illumina a intelligencia, durifica apenas o coração do que a possui, e quando tine acorda-lhe muitas vezes um remorso !

Mas prosigamos no que devemos.

* * *

Não nos occupando das producções de D. Amalia Figueirôa, merecidamente elogiadas pela imprensa diaria, vamos dizer alguma coisa com relação ao livro do Sr. Damasceno Vieira.

São os *Ensaaios Timidos* o fructo de um talento robusto e promettedor ; são os primeiros vôos de uma ave que prepara-se para sublimes remigios.

Se quizéssemos analysar uma por uma as poesias do Sr. Damasceno, não o poderíamos fazer hoje ; falta-nos o tempo, e mesmo as precisas habilitaçõs ; assim esboçaremos apenas a nossa opinião, certos de que, pronunciando-nos com verdade, não nos maldirá o poeta se entre as flôres perfumosas que creou, lhe apontarmos algumas de venenososolôres.

Verdade é que entre as producções do espirito humano ha muitas que desagradão, ainda quando o pensador as apresenta para fuis contrarios ; em tal caso mais vale um esforço para ras-

gar o véo que o illude, pintando-lhe a moral com falsas côres, do que crêr-se elle prejudicado por uma voz amiga que lhe diga : segue este trilho, e chegarás á gloria.

Creemos que concordará comnosco o Sr. Damasceno, que, lidador incançavel, vai transpondo as barreiras erguidas pelo septicismo, e apparece á luz da imprensa.

O Sr. Damasceno escreveu as suas poesias, ora com o coração repleto de melancolico sentir, ora com o espirito a revoar incerto. Em a primeira parte da sua collecção de versos encontram-se mimosos threnos traduzindo elevados pensamentos, ha muita suavidade, e apresenta-se o poeta tal como é ; nas outras desprende-se do circulo a que devera cingir-se, e, abraçando a satyra, decahe e vai até a licença.

E' assim que na dedicatoria da terceira parte o Sr. Damasceno desce de tal modo que melhor fôra eliminar d'ali aquella folha.

Poderíamos apontar varias poesias que não primão no pensamento, assim como destacar outras que põem em relevo o brilhante talento do Sr. Damasceno ; mas aqui ha apenas um rapido esboço da nossa opinião ; brevemente e em artigo especial exporemos com franqueza o nosso juizo.

ARAUJO E SILVA.

Porto Alegre, 31 de Janeiro de 1873.